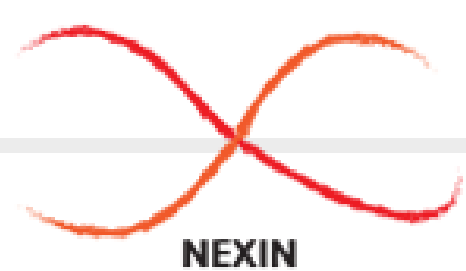


# Expressões da Pandemia

Vol. 9



## Realização Científica

O Boletim "Expressões da Pandemia" é uma atividade do Núcleo de Pesquisa Dialética Exclusão/Inclusão Social (NEXIN/PUC-SP/CNPq), liderado pela Profa. Dra. Bader B. Sawaia, em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ambientes Amazônicos (NEPAM/UFAM/CNPq), liderado pelo Prof. Dr. Renan Albuquerque.

## Organizadores

Bader B. Sawaia  
Flávia R. Busarello  
Juliana Berezoschi  
Renan Albuquerque

## Editoração e Identidade Gráfica

Juliana Berezoschi

## Revisão Técnica

Renan Albuquerque

Os escritos são compilados por participantes, parceiros e apoiadores do NEXIN e do NEPAM.

## Dados do NEXIN

O Núcleo de Pesquisa Dialética Exclusão/Inclusão Social (NEXIN) da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) tem como líder a Profa. Dra. Bader B. Sawaia e atualmente está composto por discentes de mestrado, doutorado e pós-doutorado, bem como pesquisadores associados. O NEXIN é um espaço de reflexão e investigação psicossocial permanente, onde são desenvolvidos estudos sobre desigualdade social, com ênfase na servidão humana e na potência de ação emancipadora em diferentes contextos sociais e históricos brasileiros.

[www4.pucsp.br/nexin/](http://www4.pucsp.br/nexin/), [facebook.com/nucleonexin](https://facebook.com/nucleonexin), [instagram@nucleonexin](https://instagram@nucleonexin)

## Dados do NEPAM

O Núcleo de Estudos e Pesquisas em Ambientes Amazônicos (NEPAM) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) tem como líder o Prof. Dr. Renan Albuquerque e atualmente está composto por discentes de graduação, mestrado e doutorado, além de pesquisadores associados. O NEPAM estuda dinâmicas e interações de povos amazônicos em seus diferentes modos de vida no bioma.

[www.facebook.com/ufamnepam](https://www.facebook.com/ufamnepam)

## APRESENTAÇÃO

Chegamos ao final de agosto de 2020, momento em que se encerra um semestre de pandemia da covid-19. Nesse período, não pudemos desenvolver nossas aulas e pesquisas alheios a esse acontecimento dramático que assolou o mundo. Assim, decidimos colocar nossas reflexões sobre afetos para colaborar na criação de formas de enfrentamento à peste, especialmente com o prognóstico de isolamento como única possibilidade de mitigação - dada a completa ignorância sobre a ação do vírus de início e o paulatino avanço acerca da compreensão do SARS-coV-2 em seguida. Caminhamos no sentido de entender e se possível colaborar com a única forma de prevenção, o isolamento, mas ainda nos encontramos em perplexidade ao constatarmos o enredamento do vírus com a desigualdade social.

Nós passamos a realizar uma cartografia dos afetos, apresentada nos nove volumes do boletim (até o momento), publicados desde março. Também passamos a realizar lives, via facebook, uma delas intitulada “Mapeamentos dos Afetos”, com a presença de autores e organizadores do Boletim. São diversas vozes que, como mencionado na live por Richard, compõem essa obra para expressar criticamente a pandemia na sua complexidade de configuração, atravessada pela desigualdade social que enlaça classe, raça, etnia, gênero e idade. O território brasileiro tem diversos lugares e realidades, e “o boletim Expressões da Pandemia cria espaço para divulgar os diversos contextos”, conforme afirmado pela indígena Jussara, na live do dia 5 de agosto de 2020.

São essas vozes que estão vivendo a dura realidade nos diferentes locais, e no caso desse volume os autores puderam compartilhar suas vivências virtualmente, durante o primeiro semestre, por meio da disciplina “Vigotski e Espinosa e o estudo das emoções como questão política”, ministrada na Pós-Graduação em Psicologia Social da PUC-SP. Aulas no formato online possibilitaram a discentes dividirem experiências cotidianas em diferentes cidades brasileiras, seja da periferia ou do centro urbano, como nos mostra o texto de Alice e Fernanda, que observaram por meio de fotografias tiradas da janela.

Segundo elas, a arte deve ser ferramenta de criação necessária para lidar com a realidade pandêmica. Para as autoras, durante a referida live, ficou claro que "a arte é fundamental mesmo no isolamento".

"O vírus não circula. São as pessoas contaminadas que circulam". Essas são as sábias palavras do indígena Josias Sateré, que evidencia nuances da inclusão perversa vivida por aqueles que não têm direito ao isolamento ou distanciamento social. Esses que diariamente precisam sair às ruas para trabalhar e enfrentar a grande comorbidade vivida no Brasil, a desigualdade social. Essa dimensão perversa da pandemia é marcada no presente volume pelo texto de Beatriz e Richard, que apresentam a luta das populações tradicionais e do povo negro historicamente afetados pelo cerceamento de direitos civis e naturais imposto pelo Estado brasileiro.

Como resultado dessa luta, o texto de Camila e Adrienne mostra que tanto os povos tradicionais quanto o povo negro encaram a experiência da desigualdade social. Elas destacam o sofrimento vivido pelo impedimento do direito ao luto desses corpos. As autoras também fazem uma reflexão sobre as possibilidades de se ter uma experiência de luto que viabilize o resgate das memórias e o acolhimento da dor. Como Josias Sateré mencionou na live, o boletim se tornou um "canal de comunicação importante" para denunciar esses contextos, que são agudizados pela força do espalhamento do vírus.

Após meses três meses tendo em média 900/1 mil mortes por dia, tendo chegado na casa dos 120 mil óbitos e 3,8 milhões de infectados, observamos uma transformação da cartografia dos afetos, hoje marcada pela flutuação de emoções. As emoções alegres sendo sufocadas pelas tristes. Por medo, ansiedade, humilhação, saudade e melancolia. A empolgação pela tecnologia da comunicação começa a arrefecer. Será que a falta de encontros potentes imposta pelo isolamento não é apaziguada pela tecnologia? Em meio a essas questões, duas constatações importantes: a potência de vida continua a circular nos corpos, impulsionando a busca de encontros, e a força dos afetos insiste em sustentar essa potência.

Dai o questionamento de um dos textos do boletim: será que a tecnologia pode colaborar para o conhecimento adequado dos afetos, disseminando e sustentando paixões? Esse é um dos questionamentos das autoras Andreia e Juliana, no texto sobre os memes, em que apontam para um grande aumento do uso das redes sociais e também do compartilhamento de memes, os quais podem conter tanto informações claras como também distorcidas. Para elas, isso pode implicar em ideias inadequadas que prejudicam o combate à pandemia e acentuam a desigualdade social e o sofrimento ético-político.

Essas são as reflexões que o nono volume do Boletim "Expressões da Pandemia" está trazendo. Porém, para além delas, ele também é fruto dos encontros potentes realizados durante a disciplina na PUC-SP e nos diálogos inter-grupos de pesquisa. Acreditamos que esse boletim mostra que é possível construir amplas afetações, mesmo tendo o encontro somente de forma virtual.

Bader B. Sawaja  
Profa. Titular da PUC-SP. Docente Permanente  
do Programa de Estudos Pós-Graduados em  
Psicologia Social. Líder do NEXIN.

## Luto coletivo: uma urgência ético-política

"Quem vai pagar a conta? Quem vai contar os corpos?  
Quem vai catar os cacos dos corações?  
Quem vai apagar as recordações?  
Quem vai secar cada gota? De suor e sangue".  
Luedji Luna

No princípio, ficamos sabendo de uma doença "de um povo de lá". As mortes por conta de uma epidemia em um país distante, tanto geográfica, quanto culturalmente, chegavam ao nosso conhecimento pelos noticiários. Não sabíamos os nomes, os rostos, os sonhos, as dores daquelas pessoas de lá. Mas, ainda assim, naquele momento, já se anunciava o pesar.

Hoje, em junho de 2020, cerca de seis meses depois do primeiro caso registrado na China, há um crescimento exponencial de pessoas infectadas e de óbitos provocados pelo coronavírus no Brasil. Com uma porcentagem tão grande de casos é difícil que não seja conhecida, de cada um de nós brasileiros, ao menos uma história, um rosto, um vínculo. Agora, estamos sabendo de uma doença "de um povo daqui". Do nosso próprio povo. Das nossas próprias dores. Não nos informamos apenas pelos noticiários, mas somos invadidos e afetados diretamente pelos acontecimentos.

A dor da perda já reconhecida na face do povo de lá, aqui, confunde-se com a dor da injustiça, da violência, da fome, do desemprego, da humilhação, do racismo. Aqui, a dor não é apenas pela doença, mas é, sobretudo, pela desigualdade social. Ainda que escamoteada pela suposta universalidade e democratização do vírus, a pandemia não só evidenciou, como também acirrou as expressões da desigualdade no Brasil. Dentro de um mesmo país, também parece haver um "povo daqui" e um "povo de lá". A letalidade do vírus denuncia o abismo entre a população, fazendo um maior número de vítimas entre negros, pobres e periféricos.

Há uma lógica perversa que funda a relação com a morte e o morrer na sociedade brasileira, na qual apenas algumas vidas importam e são passíveis de luto, apenas algumas mortes são choradas e têm suas narrativas reconhecidas publicamente, enquanto outras se reduzem à números e estatísticas.

Durante a pandemia pelo coronavírus, esse traço de indiferença em relação à morte foi posto de maneira estendida e generalizada. A exemplo, em 28 de abril, dia em que o presidente diz "E daí?" para o recorde de mortes no país, a Secretaria Especial de Comunicação Social da Presidência da República lança o "Placar da Vida", que inclui o número de infectados, o total de curados e em recuperação, ignorando o número de mortes.

Já no mês de junho, o Ministério da Saúde segue articulando mais iniciativas de ocultamento dessas informações, excluindo definitivamente do site oficial os dados acumulados sobre o número de infectados e mortos pela covid-19, privando a população do acesso ao quadro total da pandemia.

A vivência de um luto não se faz sem a dimensão do reconhecimento, daí a importância do acompanhamento em relação a essas perdas, de maneira global, pelas estatísticas ou dados numéricos reais, mas, sobretudo, a partir do reconhecimento de nomes, histórias e narrativas. Para além dos aspectos políticos, a pandemia pelo coronavírus, apresenta ainda especificidades quanto à vivência do luto. Por conta do alto risco de contaminação pelo vírus, aspectos culturais importantes relacionados à morte foram alterados, tais como velórios com restrições de familiares, caixões lacrados, isolamento durante o período de hospitalização dos infectados, bem como o distanciamento social em relação à rede de apoio dos familiares enlutados.

Se a experiência de uma perda irrompe uma ruptura no mundo presumido de um sujeito, nos damos conta que estamos habitando um país em ruínas. O que sobra deste país que há tempos apresenta rachaduras profundas e que, agora, desmorona? Diante de tantas perdas recorrentes, concretas, materiais, simbólicas, políticas, sobrepõem-se camadas de luto sem que estejam postas as condições necessárias para a sua elaboração. Assim, a melancolia se alastra por entre a população. Para Spinoza, a melancolia é uma paixão antipolítica por excelência, relacionando-se à impotência, à paralisia, à redução do conatus.

Esse afeto triste, em relação ao corpo, consiste na potência de ação ser totalmente diminuída ou refreada (E IV, Prop. 42). Nesse sentido, uma população absorvida pela melancolia terá dificuldades de encontrar saídas para a situação de servidão e crise política como a que nos encontramos.

Contudo, o autor defende que todos os seres buscam perseverar na existência, mesmo diante de tantos entraves postos na materialidade da vida. Quando Spinoza aponta que um caminho possível para a superação da melancolia está nos "bons encontros", nos indica uma direção: a importância de elaborar coletivamente as perdas vividas neste contexto. Ampliando-se a perspectiva do luto como uma vivência individualizada e solitária, lembramos da sua importante dimensão coletiva, pública e política. O luto coletivo é uma urgência ético-política para o nosso país!

Ressalta-se o luto enquanto trabalho psicossocial de transformação de um mundo rompido que, num primeiro momento parece em ruínas, mas onde há uma potência criativa para reconstrução. Apostamos, então, na afirmação desse luto coletivo e político, e a partir disso, um possível impulsionamento do Luto à Luta.

Sem dúvidas, há uma batalha de valores e afetos em curso no nosso país. O tratamento indiferente à morte da nossa própria população e a naturalização da desigualdade social denunciam a gravidade da crise. Para Spinoza, a democracia é o melhor e o mais natural de todos os regimes políticos, pois é nela que ocorre a expansão da liberdade humana.

Essa liberdade, que não é a do individualismo, só é conquistada pela organização popular, pela multidão, que se une em torno de um útil comum. O enfrentamento à essa crise de descaso e indiferença está sendo realizado pela formação de coletivos que se amparam em resquícios de democracia, como as manifestações antirracistas contra a violência policial iniciadas nos EUA no dia 25 de maio, e se espalham pelo Brasil e pelo mundo.



Não é de hoje nem da pandemia da covid-19 que as mortes, que tem cor e classe social, são ignoradas. A população reage à violência policial, à morte da juventude negra, ao genocídio que opera em nossa sociedade e faz um apelo à vida, a poder viver, não ao negacionismo da morte. "Parem de nos matar" é o que ecoa dessas manifestações. São vozes que buscam um luto coletivo e uma transformação social a partir da ação política.

A autorização do luto, ainda que numa perspectiva utópica, nos lançaria para o reconhecimento das vulnerabilidades e para um caminho de ação política solidária, de construção de "novos mundos", diante das perdas. Como nos diz a autora Judith Butler, em "Vida precária: os poderes do luto e da violência" (2009), no luto pode haver um senso de comunidade política de ordem complexa, pois traz à tona laços relacionais e um senso de "nós".

Abre-se espaço para o questionamento do individualismo e reflexão de qual sociedade nós queremos; qual país gostaríamos de reerguer, diante deste que nos parece em ruínas; quais políticas de luto poderíamos reivindicar em nosso país. Está posta uma potência latente de transformação a partir do resgate das memórias, do reconhecimento e acolhimento da dor, da superação de uma lógica medicalizante de cuidado ao sofrimento, da defesa intransigente da vida e da valorização do "desejo", tal como concebido por Spinoza, desejo de perseverar na existência.

Camila Moraes Ferreira  
Mestranda em Psicologia Social pela PUC-SP

Adrienne Cristhine Barbosa da Silva  
Mestranda em Psicologia  
Social pela PUC-SP

Salvador/BA e São Paulo/SP  
7 de junho de 2020.

## Guerras não declaradas: uma reflexão sobre populações tradicionais e o povo negro no Brasil

Desde o início do processo de colonização, os povos originários do Brasil e, posteriormente, africanos e populações tradicionais, como quilombolas, seringueiros, ribeirinhos, etc., vivenciam um estado constante de guerra, atravessado por constelações de afetos nocivos que são reapresentados cotidianamente. Esse processo, somado ao não reconhecimento dessas populações enquanto sujeitos de direitos por parte do Estado, conduz à cronificação das experiências produzidas pelo contexto da desigualdade.

Ao tomarmos esses grupos como ponto de partida, é importante apontarmos como foram (e ainda são) criadores de seus próprios modos de existência, através de cultura, crenças, ritos, hábitos, entre outros aspectos. "O negro lá na África era um rei! Foi artesão, foi caçador, guerreiro, feiticeiro, camponês, exímio dançador, tinha sua própria lei e a liberdade sem favor, donos dos ouros, das pratas, dos rios, das matas, o rei senhor" (GRES, Tradição 1986). Embora o trecho do samba se refira ao povo negro, podemos ampliá-lo a povos indígenas e outras populações tradicionais que, ainda hoje, resistem para preservar suas ancestralidades de maneira heterogênea e não estática.

Contudo, a invisibilidade e a negação do exercício do poder político enfraquecem o conatus, que segundo Spinoza é o desejo ou apetite que nos leva a buscar o que compõe com a potência do nosso corpo e mente para a conservação e expansão. Esta potência de conservação também é entendida como o poder de afetar e ser afetado e varia de intensidade dependendo das afecções (affections) que recebemos nos encontros bons ou maus do passado, presente e futuro.

Mas de que maneira esses corpos, que há séculos vêm sendo afetados pela exclusão e por uma política de afetos tristes, afetam o Estado brasileiro?

Buscamos considerar que, no sentido da visibilidade e atendimento das necessidades, esses corpos precisam aumentar sua potência de afetar, unindo seus conatus em coletivos poderosos, capazes de transgredir o sistema "democrático" para garantir o direito à vida digna. Caso contrário, processos de mortificação operados pelo Estado têm livre acesso à execução desses corpos. Portanto, essas transgressões funcionam como mecanismo de garantia e manutenção da vida, enquanto o silenciamento e a invisibilidade, impostos pelo projeto dominante de sociedade, significam padecimento e morte. Nesse sentido, observamos, assim como Gres (1999) descreveu no samba da Beija-Flor, um "cenário onde índios, negros e ribeirinhos em luta constante contra bravos bandeirantes, o sangue fluía a todo instante".

O atual contexto pandêmico que se apresenta continua evidenciando o não reconhecimento desses povos enquanto sujeitos de direitos, sustentado por uma concepção de sub-humanidade, a qual, através da lógica da mercadoria, elege quem merece viver ou morrer.

Em relação aos povos da floresta amazônica, além de lidarem com o medo da contaminação pelo Covid-19 e o descaso do (des)governo perante a situação, continuam lutando pelo seu direito natural de uma existência digna e livre. Enxurradas de notícias revelam violentos ataques, como assassinatos de lideranças indígenas e aumento de atividades criminosas em territórios tradicionais por grileiros, madeireiros e garimpeiros, que seguem "a todo vapor" destruindo o bioma e aumentando o risco de contágio. Além disso, o medo da fome.

O contexto de pobreza e exclusão que povos tradicionais estão inseridos muitas vezes impede que sejam autossuficientes no cultivo de seus alimentos, gerando uma relação de dependência com as cidades. Aqueles que possuem o extrativismo como fonte de renda, necessitam articular a venda de produtos com atravessadores ou em centros urbanos, expondo-se ao risco de contaminação para garantir o suprimento de necessidades básicas.

Nas favelas, não é diferente.

A população negra, que majoritariamente ocupa esses territórios, agora enfrenta o medo ocasionado pelo contexto pandêmico em paralelo ao medo gerado pela política de morte operada pelo Estado, que através da polícia enquanto instrumento de controle e manutenção dá continuidade ao projeto de eliminação dos corpos negros, antes exercido pelos capitães do mato. A lógica de eliminação dos quilombos se estende ao contexto urbano na busca de um novo pacto civilizatório, assim como aponta Racionais MC's, referindo-se ao povo negro: "programado pra morrer nois é".

Diante do contexto em que esses diferentes povos e populações estão inseridos, acreditamos, assim como Bader Sawaia, que refletir sobre o processo de exclusão através da emoção daqueles que a vivenciam é compreender de que maneira o Estado "cuida" de seus cidadãos. Compreender distintas qualidades do sofrimento recupera o indivíduo sem abandonar a dimensão coletiva, pois é no sujeito que diversas formas de violência são vivenciadas. Contudo, vale ressaltar que o sofrimento ocasionado por uma organização social perversa não possui gênese nos indivíduos, mas sim nas intersubjetividades demarcadas socialmente. Ao indagarmos sobre sofrimento e felicidade nos debruçando sobre os afetos, refutamos a crença de que essas populações marginalizadas não possuem sutilezas psicológicas e que as necessidades afetivas possuem menos importância que outras.

Vigotski e Spinoza nos presenteariam com referenciais analíticos que permitem superar concepções negativas sobre afetividade, as quais a colocam como antagônica e inferior a razão. Os autores compreendem a emoção enquanto constitutiva de pensamento e ação, um fenômeno objetivo e subjetivo e matéria prima da condição humana. Nesse sentido, a mortificação do sujeito não se dá somente pela via do organismo, mas também no âmbito social e da ética. Sawaia propõe o sofrimento ético-político (SEP) como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão social, o qual expressa vivências cotidianas de dor que emergem da maneira como o sujeito é tratado socialmente.

O SEP revela nuances éticas da vivência da desigualdade social e se contrapõe à felicidade ético-política, o sentimento de conquista da cidadania e emancipação individual e coletiva. O sentimento revela não apenas a potência de indivíduos e grupos, mas o poder público capaz de agir e transformar a realidade.

É evidente que as populações tradicionais, assim como o povo negro, são afetados pelo Estado brasileiro, mas é importante indagarmos de que maneira são afetados e a qualidade dos afetos produzidos nessas experiências. Também é incontestável que esses grupos, há muito, se organizam coletivamente, resistindo e buscando seu reconhecimento na sociedade enquanto sujeitos de direitos, não apenas civis, mas de direito natural de liberdade e busca por encontros que aumentem a potência para continuarem perseverando em suas existências com imaginação e criatividade. Diante disso, cabe analisarmos como estamos construindo nossas práxis com essas populações; de que maneira apoiamos suas lutas e a gestão autônoma das territorialidades que os compõe? Quais afetos nossos corpos produzem e/ou reproduzem nesses encontros? Estamos, de fato, caminhando em direção à felicidade ético-política e conquista do poder para a transformação da realidade ou apenas produzindo novas formas de servidão? "É hora de seguir com fé e pedir axé, para o deus maior. Chega de violência, sofrimento e dor. O pelourinho ainda não findou para os ocultos opressores da nação. Todo mundo quer saber da real libertação, o anseio de um povo de nascer um Brasil novo livre dessa servidão" (GRES, Grande-Rio, 1992).

Beatriz Marques Sanchez  
Psicóloga e mestranda em Psicologia Social (PUC-SP). Integra o  
NEXIN e o Núcleo de Apoio à População Ribeirinha da Amazônia

Richard Santos  
Assistente Social pelo Centro Universitário Anhanguera. Mestrando  
em Psicologia Social (PUC-SP). Escritor, poeta, compositor de  
sambas de enredo e membro da nova frente negra brasileira

São Paulo, 9 de junho de 2020.

## Enquadramentos artísticas da pandemia: há felicidade possível em tempos de isolamento social?

"Um fotógrafo é, literalmente, alguém que desenha com a luz, um homem que escreve e reescreve o mundo com luzes e sombras..."  
(Sebastião Salgado no documentário O Sal da Terra)



Foto: Instagram @ajanelaquenosresta

Há pouco menos de seis meses o ser humano tem experienciado um mau encontro enquanto espécie. Tomando ideias spinozistas como norteadoras das reflexões que intentaremos seguir neste espaço, partimos da premissa de que o homem é um ser de paixão e que seu encontro com o novo coronavírus tem resultado na produção de afetos tristes das mais diversas ordens.

Esses afetos tristes encontram expressões, muitas vezes, na queixa pelo tédio, pela ansiedade, pelo medo da morte e de não poder enterrar dignamente os seus, pela impossibilidade de estar com os que amamos, pelo impedimento de desfrutar de passeios e viagens, pela frustração de não concretizar os planos outrora imaginados.

Ao mesmo tempo, expressa-se pelo sentimento de injustiça frente ao desvelamento e possível acirramento da desigualdade social, da fome, do desemprego, da instabilidade política e econômica e pela morte daqueles que faleceram não só pelo acometimento do vírus, mas, principalmente, pela falta de políticas públicas que garantissem aos mais vulneráveis condições mínimas de sobrevivência.

Esperar que pesquisadores encontrem remédio ou vacina; esperar que governantes tomem as melhores medidas; esperar que o auxílio financeiro chegue; esperar que tudo isso passe. Segundo Spinoza (E IV, Prop.47), o medo e a esperança se articulam intrinsecamente por basearem-se na falta de conhecimento no que tange à vida futura e, portanto, ambos os afetos nos colocam uma condição de padecimento e impedem que nos tornemos causa adequada de nós mesmos, de nossos desejos.

Se não é a esperança que nos livrará desse emaranhado de afetos tristes que vimos sucumbindo, o que poderia transformar a relação? Para Spinoza, afetos consequentes de incertezas e inércias, que se acentuam num cenário de pandemia, só podem ser transformados se confrontados com afetos tão intensos quanto e contrários. Nesse caso, portanto, pelos afetos alegres - felicidade, amor, beatitude, etc. Nessa tentativa de contrapor o medo, a esperança e os afetos tristes, algumas perguntas se fazem pertinentes: se o encontro com o vírus gera, predominantemente, afetos tristes, é possível ser feliz ou sentir alguma alegria nesse encontro? Diante da imposição do isolamento social, é viável ter bons encontros, ainda que virtuais, que sejam capazes de aumentar nossa potência de vida? Seria a arte uma possibilidade de rompimento com a rede de paixões tristes e instrumento de potência na persistência da existência?

Vigotski (1999) nos mostra que a arte é o social em nós, uma técnica do sentimento, pois ao mesmo tempo em que é capaz de condensar a realidade enquanto processo criativo, individualiza-se no ato contemplativo, sem deixar de ser social, visto que a experiência com determinada obra de arte é singular para cada sujeito.

Para Souza (2016, p. 20), a arte se revela, portanto,

"[...] como síntese de um dado momento, que oferece a quem a aprecia possibilidades de atribuir-lhe inúmeros significados e sentidos, visto expressar em suas materialidades conceitos, ideias, afetos e representações característicos das formas humanas de ação e pensamentos".

Nas palavras do autor russo,

"ser Shakespeare e ler Shakespeare são fenômenos que se diferenciam infinitamente em seu nível, mas que são completamente iguais por sua natureza [...] o leitor deve ser tão genial quanto o poeta, e apreender a obra de arte é como se a recriássemos constantemente" (VIGOTSKI, 1999, p. 231-232).

Uma fotografia, por exemplo - a partir da imagem, de um instante capturado - é capaz de sintetizar um momento histórico, um conjunto de valores de determinada sociedade, sua conjuntura política, enfim, de congregar uma variabilidade de símbolos e significados específicos de seu tempo e de seus indivíduos.

Da perspectiva de quem a contempla, a arte exige um ato criativo, o qual "consiste num dispêndio tempestuoso e explosivo de forças, num dispêndio de psique, numa descarga de energia" (VIGOTSKI, 1999, p. 314). Ela expande possibilidades de significação, causa estranhamento diante das questões óbvias da vida; amplia conhecimento porque opera em uma lógica incomum, que lhe é própria da vivência estética, uma nova lógica de olhar e de estar no mundo. Pode-se dizer, ainda na palavras de Vigotski (1999), que a arte

"implica algo que transforma, que supera o sentimento comum, e aquele mesmo medo, aquela mesma dor, aquela mesma inquietação, quando suscitadas pela arte, implicam o algo mais acima daquilo que nela está contido".





Foto: Sebastião Salgado

Quando indagados por uma fotografia como essa de Sebastião Salgado, no livro "O berço da desigualdade" (2005), somos impelidos a romper com a lógica racionalista. A obra artística por ser aberta e conter em si o próprio movimento dialético, permite, ao entrar em contato com a lógica do sensível, ampliar-se às possibilidades de ressignificação do vivido, dos conceitos cristalizados na vida cotidiana. Mas, para que esse processo ocorra, é fundamental o estranhamento dessa realidade vivida, assim como se pode estranhar a potência do olhar da menina na fotografia a um só tempo em que declara a condição de desigualdade que lhe é imbuída. Poderíamos nos perguntar, portanto, como é possível essa potência do olhar em meio a tanto sofrimento nessas condições desiguais? Ao entrar em contato com a obra de arte o sujeito é convocado a criar formas de expressão das emoções enquanto modos inéditos e autorais de se relacionar com a realidade e consigo mesmo. Visto que a vivência estética, como evidenciado por Vigotski (1999), está para além do contágio das emoções expressas na obra artística, a arte faz viver as emoções nos sujeitos, tornando-os coautores.

Nesse sentido, ao nos afetar, a arte convoca à interpretação das imagens que ela provoca em nossos corpos. Possibilita, portanto, reinterpretações da realidade e diferentes modos de agir, nos aproximando de uma nova lógica de reconhecer os fenômenos: a lógica estética.

"Uma obra de arte cria a possibilidade de olhar de novo para a realidade inspirados na síntese cultural produzida pelo artista. Isso porque a paisagem que vemos em uma tela não é a paisagem produzida pela natureza, mas sua representação produzida pelo homem, e observá-la permite ver elementos que não percebemos na natureza, evidenciando-se o novo" (Souza, 2016, p. 21).

A fotografia, bem como a pintura, apesar de objetivar a proximidade mais fidedigna ao real, não é a realidade. E, enquanto imagem artística, está submetida à lógica sensível, que pode nos afetar com paixões mais fortes, incitando à reflexão da realidade retratada.

É essa característica, de transformação das emoções a partir da tarefa que a arte impõe de viver as emoções, porém de um lugar seguro, que nos é cara em tempos de crise como a que vimos enfrentando na pandemia do coronavírus.

Cotidianamente submetidos a maus encontros, vamos nos enredando inevitavelmente aos afetos tristes. Mas o contato com obras artísticas ou com o próprio ato criativo pode nos colocar em contato com esses afetos a partir de uma nova perspectiva, ou seja, oferece a possibilidade de ressignificar esses afetos do cotidiano.

A foto que abre o presente artigo, por exemplo, trata de uma expressão artística que lança uma nova luz sobre a condição de isolamento social. A partir da vivência estética da fotografia, a artista dá novas cores e tons, luzes e nuances às imagens possíveis de serem capturadas em uma condição de isolamento em uma grande cidade. Não se trata de simplesmente negligenciar ou ignorar os afetos tristes e as consequências desastrosas que a pandemia e o isolamento social nos impõe, mas é com uma contemplação como essa que se torna possível (re)significar os afetos tristes de um isolamento a partir de uma perspectiva do belo.

Retomando as palavras de Sebastião Salgado, que também abrem esse texto, ao fotografar, bem como ao contemplar as fotografias de um dado momento, de uma dada realidade, abre-se a possibilidade de reescrever essa mesma realidade. "As pessoas fotografam com seu passado, com sua ideologia, com seus traumas, com seus pais, sua infância, sua personalidade nas costas, à contra luz, a favor da luz [...]." (Sebastião Salgado, 2014). Ou seja, a fotografia, assim como já evidenciava Vigotski (1999) sobre a arte, é o social em nós. E somente o contato com esse social poderá aumentar nossa potência de ação à medida que torna possível o acesso às causas de nossas afecções e nos aproxima do sentimento de comum mencionado por Spinoza.

Em tempos de isolamento social enquanto proteção contra um vírus, agravado pela desigualdade e pelo individualismo, produto do modelo neoliberal - maus encontros que diminuem nossa potência de ação -, a contemplação e a produção artística nos aproxima das máximas potencialidades humanas e nos provoca, como a menina da foto de Sebastião Salgado, a nos reconhecermos como sujeitos constituídos e, a um só tempo, constituintes do nosso momento histórico. A arte pode nos convocar à felicidade do ato criativo e do conhecimento, mesmo, e fundamentalmente, em momentos de crise.

Alice Vettorazzo  
Mestranda do Programa de Pós-graduação  
em Serviço Social pela PUC-SP

Fernanda Pereira Medeiros  
Doutoranda e Mestre em Psicologia pela  
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

São Paulo/SP, 04 de junho de 2020.

As ferramentas do senhor nunca irão desmontar  
a casa-grande



Com bastante frequência expressões em língua estrangeira são alvos de investigações sobre qual efeito seus usos geram nas populações que não têm tal língua como natural e precisam se utilizar dessas expressões. É importante refletir sobre a intenção do uso dos termos estrangeiros e as condições que fazem o idioma estrangeiro prevalecer às traduções para cada contexto. A Psicologia Social desde os anos 1970 se preocupa em analisar criticamente a apropriação de teorias e conteúdos estrangeiros à realidade latino-americana e brasileira.

No livro "Preconceito linguístico", Marcos Bagno cita uma regra de ouro da linguística, em que menciona somente existir língua se houver seres humanos que a falem. Ele explica, a partir do ensinamento de Aristóteles, que o ser humano "é um animal político". Assim, conclui-se que "tratar da língua é tratar de um tema político", já que também é tratar de seres humanos (Bagno, 1999, p. 09).

De acordo com o Dicionário de Política, o conceito de política está estreitamente ligado ao de poder: "atividade humana que se dá na esfera da disputa de poder entre grupos organizados"; "poder do homem sobre outro homem" (Bobbio, 1909, p. 54-62).

Para Silvia Lane (1986), essa atividade humana implica ações encadeadas junto com outros indivíduos, em busca da satisfação de uma necessidade comum e, para acontecer esse encadeamento, é necessária a comunicação (linguagem) e o plano de ação. Em uma disputa de poder temos, necessariamente, de um lado os que querem manter a situação inalterada e, de outro lado, os que querem transformá-la, sem esquecer que não existe a possibilidade de ser neutro. No caso do uso dos termos estrangeiros, o que parece ser mantido é uma má compreensão do significado e do contexto no qual o termo está sendo utilizado.

O idioma que eu não conheço ajuda a ocultar o sentido completo da palavra que utilizamos. Podemos citar alguns exemplos. O primeiro deles é o termo "happy hour", cuja tradução seria "hora feliz". Será que algum trabalhador que, depois de uma jornada intensa e exaustiva de cinco dias (para os privilegiados) de trabalho, chega na sexta-feira e consegue acreditar que terá uma hora feliz? Seria preciso uma análise que ajudasse a revelar a ideologia, ou seja: é possível acreditar que exista alguma hora feliz trabalhando tanto assim ou qual o porquê de ter direito a apenas uma hora feliz enquanto todas as outras não são. Outro exemplo comum é o termo "fake news", em que o correto seria dizer "notícias falsas" - que nos obrigaria a sempre tomar consciência da qualidade da informação, o que não acontece quando utilizamos o termo estrangeiro: o "falso" fica omitido. A mentalidade colonial faz com que o termo em inglês seja considerado algo bom, o que significa dizer que acabamos por valorizar a expressão que impede o impacto da sua versão traduzida no nosso real contexto.

Após consulta no google com os descritores "lockdown" e "bloqueio total", seguidos da palavra "pandemia", verificamos o que segue: a expressão "lockdown" aparece em 65 mil resultados de notícias, enquanto a expressão traduzida "bloqueio total" aparece apenas 4 mil vezes no mesmo período, o que demonstra que a expressão estrangeira é muito mais utilizada do que a expressão na nossa língua portuguesa.

Nesse caso, podemos ter como efeito do uso das expressões estrangeiras a diminuição da compreensão da gravidade do problema por parte da população, que por sua vez terá menos condição de agir de forma autônoma diante da situação. O uso do termo estrangeiro, então, impede a consciência e essa incompreensão mantém a população incapaz de decidir autonomamente sobre o que fazer.

Nesse contexto, temos que a língua pode ser um poderoso instrumento de dominação e também de resistência. O seu uso adequado é o que vai garantir a não reprodução das condições que mantêm a submissão de determinados grupos sociais a interesses que não são seus. E vale lembrar um dado que a autora feminista, negra, lésbica, Audre Lorde (2012), chamou atenção: as ferramentas do senhor nunca vão desmontar a casa-grande.

Ou seja, é interessante que nos apropriemos da nossa língua ao tratar dos nossos assuntos.

Gabriela Moreira Rodrigues dos Santos  
Doutoranda pelo Programa de Estudos Pós-Graduados  
em Psicologia Social da PUC de São Paulo

São Paulo, 09 de junho de 2020.

## Memos e afetos: o impacto das redes sociais no isolamento físico

Você já reparou quanto tempo despende nas redes sociais como whatsapp, instagram ou facebook, compartilhando, recebendo informações e interagindo socialmente durante a pandemia? Você já observou a quantidade de informações recebidas em sua rede social em um único dia? E ainda, já pensou se consegue refletir sobre cada uma delas? E como você é afetado por elas? Ainda mais: que ideias ou imagens podem aparecer junto a tal afetação?

Pode ser difícil responder a essas perguntas, mas com certeza podemos afirmar que a nossa comunicação online está modificando a forma como estamos nos relacionando com os outros e conosco mesmo, algo intensificado pelo isolamento social, único remédio eficaz até agora contra a covid-19. Receber informações e encaminhar mensagens têm sido atividades diárias, rápidas, de fácil acesso, já que não há como escapar das redes de comunicação quando estamos online. O que propicia um ambiente com circulação de notícias tanto de fontes confiáveis como não confiáveis, como as notícias falsas (as famosas "fake news"), dividindo o país em grupos e mobilizando manifestantes às ruas: uns a favor da democracia e outros pedindo o fechamento do Supremo Tribunal Federal (STF).

Diante disso, não é de se espantar o aumento do uso das redes sociais, conforme pesquisa da consultoria Kantar, em abril de 2020. O estudo relatou que o uso do whatsapp cresceu 70% ao redor do mundo[1]. O que nos mostra que, apesar da distância física, o acesso à internet permite nos aproximarmos uns dos outros, criando novos espaços de sociabilidade e relações sociais. Nesse contexto, ao testemunharmos a ampliação da utilização dos espaços de socialização online, podemos questionar como está o isolamento "físico" para quem pode fazê-lo, a fim de refletir sobre a sociabilidade que tem acontecido pelas redes virtuais, focando na mediação dos memes.

[1]<https://www.kantar.com/Inspiration/Coronavirus/COVID-19-Barometer-Consumer-attitudes-media-habits-and-expectations> acesso em 06\_06\_2020

Com uma propagação rápida, os memes têm ilustrado em formato de vídeo, músicas e/ou imagens aspectos não somente da pandemia, apesar dela estar aparecendo como um tema recorrente: como a quarentena de famosos, as representações cômicas sobre as mudanças das atividades do dia-a-dia com o isolamento, as mensagens de carinho e amor, os abraços, os gestos comoventes de generosidade, as atividades para espantar o tédio, as receitas gastronômicas, e, principalmente, as montagens sobre fatos políticos semanais.

O termo "meme", cunhado pelo etólogo e biólogo evolucionista Clinton Richard Dawkins, em 1976, surgiu a partir de seu livro "O gene egoísta", no qual ele contextualiza a replicação dos genes por meio da reprodução das "máquinas de sobrevivência", ou seja, os organismos ou corpos que buscam pela sobrevivência.

Assim como a replicação da informação genética ocorre na seleção natural no que se refere à biologia dos corpos, para o autor, os memes podem ser ideias, textos ou práticas culturais replicadas pelo ser humano moderno na cultura.

Os memes de internet, tal como os conhecemos hoje, se diferem um pouco do termo original de Dawkins, pois mesmo disputando pela replicação da ideia que carregam, para se replicarem utilizam de outros meios por essa disputa.

Não nos cabe agora aprofundar essa discussão. Mas com o avanço da tecnologia e da internet, os memes podem ser considerados como uma coleção de referências culturais apreendidas em uma determinada época e que são espalhados por humanos pelas mídias sociais, sendo que o teor humorístico é uma de suas formas mais conhecidas. Transmitem informações e conteúdos que variam de forma (vídeos, imagens, sons) e que perpetuam por um período curto ou tendendo ao "infinito", visto que não há menor possibilidade de controle do fim de sua transmissão. Podem ser criados por qualquer pessoa, em qualquer lugar e seus criadores ficam na maior parte das vezes no anonimato.



Os memes podem nos afetar de diferentes formas, ao criarmos uma imagem da imagem que recebemos, somos atravessados por diferentes referências marcadas em nossa própria história e do ambiente em que vivemos. Mas será que os memes nos convocam a sairmos da servidão ou são mera repetição das trivialidades da vida?

Benedictus de Spinoza buscou em sua principal obra, "Ética", não julgar as emoções humanas, mas compreendê-las. Ele nos convoca a refletir sobre afetos como elementos fundantes de nossa existência, inseparáveis das ideias. Corpo e mente são de uma única substância, a qual busca perseverar em sua existência. A essa força de vida que se realiza em ato, Spinoza denominou de conatus, cuja intensidade varia de acordo com os encontros com outros corpos. Essa variação de nossa capacidade de pensar/agir decorre de dois afetos principais: a alegria e a tristeza. Destes dois, surgem outros derivados, que ora nos convocam para ação/pensamento e ora reduzem nossa potência de agir/pensar.

É importante ressaltar que, para Spinoza, compreendemos o mundo por meio das imagens que fazemos das coisas exteriores, que podem ser enganosas. Portanto, não temos uma ideia clara daquilo que nos afeta de alegria ou de tristeza nos encontros. Esses afetos, produzidos pelas imagens que fazemos das coisas, pertencem ao campo da imaginação. Mas tais imagens são confusas, mutiladas, sendo classificadas por Spinoza como o primeiro nível de conhecimento (EII, Prop. 40). É nesse contexto, do conhecimento de primeiro nível, que somos enredados por superstições surgidas do medo ou da esperança, que forçam o conatus a enfraquecer sob ação das forças externas. Conforme o filósofo, essas duas paixões aprisionam os humanos na servidão. O medo por ser uma tristeza que surge da ideia de uma coisa futura da qual temos dúvida que irá ocorrer e nos coloca na impotência de agirmos por nós mesmos (EIII Def. 13). E a esperança por ser compreendida como uma alegria surgida da ideia de uma coisa futura, da qual temos dúvida que possa ocorrer (EIII, Def. 12), alimentando a compreensão de que algo externo a nós mesmos poderá nos alegrar, não nos mobilizando por nossa própria força a sair dessa constelação de afetos.

O que nos tiraria desta condição de confusão que pode nos levar a uma servidão é a ideia adequada das causas dos nossos afetos. Segundo Spinoza, é essencial sair do primeiro para o segundo nível do conhecimento.

Para tanto, interessa compreender a natureza de nossos afetos, o que permite nos tornarmos livres das ideias inadequadas e sentirmos a alegria do conhecimento, o que equivale a autonomia.

Os memes podem ser enganosos, como as fake news, por criarem condições de produzirmos determinadas imagens em nós pouco claras. Uma vez que não possuem data ou autoria e tem "rápida velocidade da propagação", ao serem recebidos de alguém que já temos alguma relação de proximidade, confiança ou reciprocidade, podem transmitir ideias mutiladas e confusas de modo a contribuir para a diminuição da potência de pensar da mente e de agir do corpo.

Pela rápida disseminação de ideias simples, também são muito utilizados por empresas de marketing e propaganda política, sendo difundidos às pessoas em geral. Essas características abrem possibilidades para distorções de informação, tanto de modo a favorecer candidaturas ou empresas, como de modo a arruinar a ambas, polarizando opiniões da população em geral.

Exemplo negativo ocorreu nas eleições de 2018, que foram repletas de memes políticos.

Mas será que há outros afetos que possam ser produzidos pelos memes ou a partir deles? São os memes capazes de proporcionar a felicidade e/ou mesmo ampliar nosso conatus?

Distinguindo-se dos exemplos acima, há outras formas conhecidas como pedagógicas dos memes que propagam ideias como a preservação da humanidade e da natureza. Capazes de produzir imagens em nós que nos possibilitem também elaborar "ideias adequadas dos afetos" - ou que nos aproximemos delas.

Spinoza contextualiza que a alegria surgida pela própria capacidade da mente de pensar e do corpo de agir se distingue daquela que nos mantém numa alegria passiva. Enquanto que aquele que se alegra por uma recompensa somente se esforçará para receber essa recompensa, o outro que age sob o comando da própria razão poderá aumentar sua potência.

Quanto mais imagino que a minha capacidade de agir é aumentada por minha própria ação, de acordo com aquilo que compõe com meu corpo, mais me esforçarei para fazer aquilo.

Assim, através do uso de elementos múltiplos, criativos, muitos com recursos cômicos, de linguagem (como por metáforas), via recortes de situações e junção de falas ou outras escritas, alguns memes parecem nos facilitar a compreensão exatamente de afetos produzidos em uma situação, sejam eles de tristeza, de alegria ou outros (como o derivado da alegria, o amor).

Memes que para esses fins foram produzidos parecem ter a potência de nos permitir acessar aspectos de nossa cultura de maneira muito eficaz, seja política, social ou economicamente, dentro de um contexto que muitas vezes seria difícil de refletir sozinhos(as). Os memes, assim, parecem colaborar para o melhor conhecimento de nossos atos e pensamentos culturais/sociais, pois se distinguem da alegria passiva e nos colocam para a reflexão.

Poderiam tais memes então, possibilitar essas experiências? Seria possível, por meio de imagens que fazemos de outras imagens, aumentar a capacidade de reflexão da mente e ação do corpo para se perseverar em nossa existência? Será que tais memes, se foram criados para o estabelecimento de uma relação do aumento de potência com suas mensagens, poderiam facilitar a busca de ideias adequadas de nossas afetações e assim ganharíamos um pouco de respiros de liberdade?

E ainda podemos questionar: será que poderiam nos proporcionar uma conexão nas redes sociais com trocas estabelecendo bons encontros?

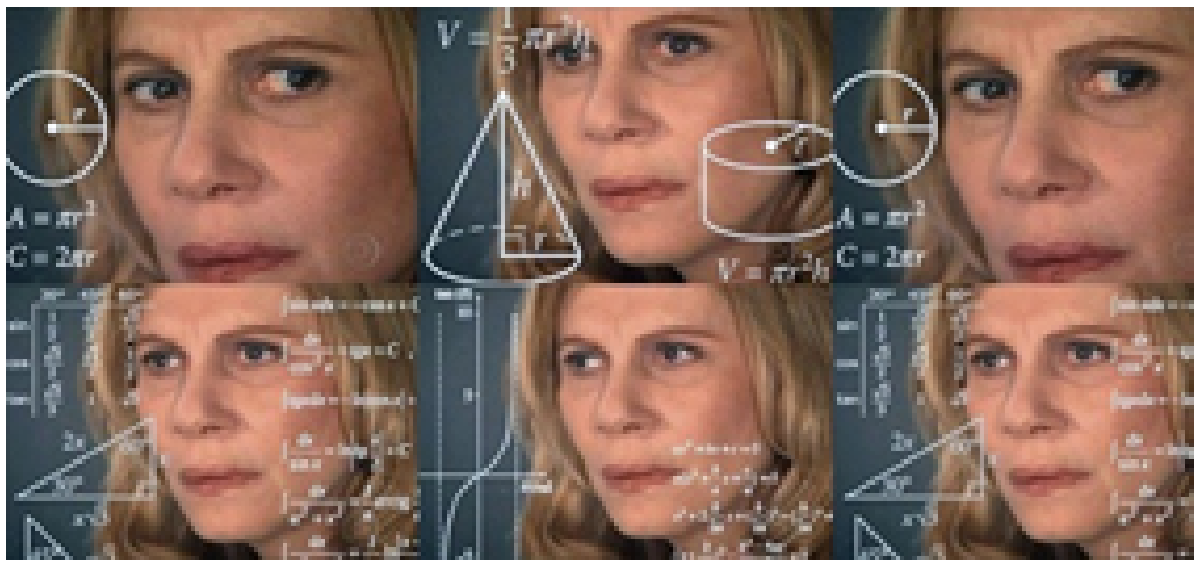


Figura 1



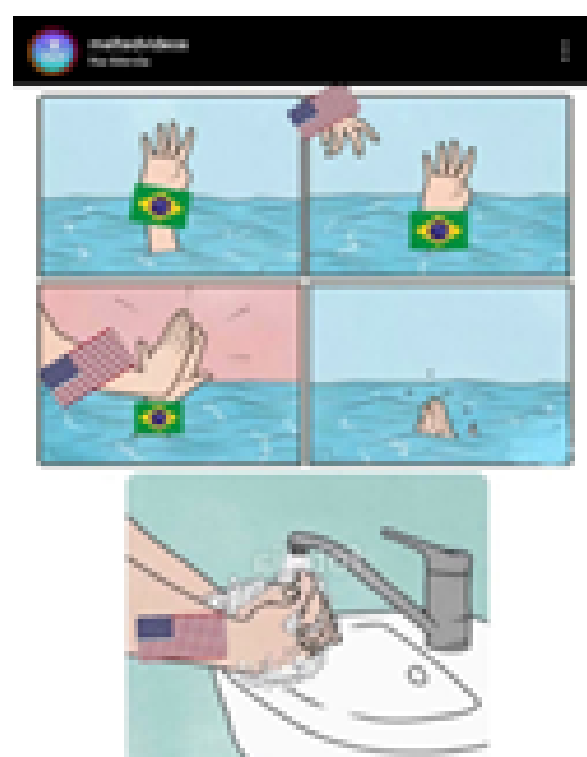
Figura 2

Esses dois memes em destaque ajudam a exemplificar o que supomos. Eles foram bastante disseminados na internet, sendo readaptados constantemente ainda hoje, como o meme da "Nazaré Confusa" (Figura 1), referente a uma cena de novela da atriz Renata Sorrah, que se desdobrou em vários outros. Ou o outro meme, o do "Namorado Distraído" (Figura 2), que também ganhou versões que vão desde experiências pessoais a contextos políticos.

O humor, nesse sentido, apresenta-se sob o aspecto cultural daquilo que está sendo visualizado, o que vai depender de quem recebe o meme para compreender a linguagem.

Refazendo as questões iniciais deste trabalho, a luz das reflexões trazidas sobre os memes e afetos em Spinoza, lançamos agora novas questões: como os memes têm nos mantido conectados? Eles nos conectam àqueles encontros que nos afetam com alegria ou tristeza? E destes afetos alegres ou tristes, quais memes nos promovem bons encontros que potencializam a mente para pensar e o corpo para agir? Quais nos deixam passivos, através de encontros que nos tornam servos (ou nos mantêm), através do medo ou da esperança?

Abaixo deixamos alguns memes para nos despedir deste encontro-texto, selecionados pelas autoras em suas redes sociais como um convite para uma "meditação afetiva". É possível identificar alegria e/ou tristeza e/ou de seus derivados como a felicidade, medo e/ou esperança entre outros tantos afetos? E do que deles podem nos mobilizar para ampliar nossa mente para pensar e nosso corpo para agir ou a nos paralisar?



Andréia M. Jozefczyk  
Psicóloga pela UFSCar (São Carlos-SP)  
Mestranda em Psicologia Social pela PUC-SP  
Integrante do NUPLIC e atua em CAPS ij III

Juliana Berezoschi  
Psicóloga pela FURB (Blumenau-SC)  
Doutoranda em Psicologia Social pela PUC-SP  
Integrante do Nexin

São Paulo, 16 de Junho de 2020.

